



## TRÊS LIVROS CONTAM A HISTÓRIA DA FARMÁCIA

# Utopia e realidade da Farmácia brasileira

Livro de Dr. Jaldo de Souza Santos faz uma radiografia das transformações sofridas pela Farmácia, no Brasil, especialmente a profissão farmacêutica, ao longo dos últimos 20 anos

Farmácia Brasileira: Utopia e Realidade é o nome do livro que o Presidente do Conselho Federal de Farmácia, Jaldo de Souza Santos, acaba de lançar. É uma verdadeira *fotografia escrita* da realidade histórica, mercadológica, acadêmica, social, sanitária e filosófica da Farmácia, em todos os seus segmentos profissionais, nos últimos 20 anos. Mas é também uma reflexão de quem está, não apenas com a câmara fotográfica à mão e na condição de espectador, mas no “front” dos acontecimentos, inclusive definindo muitos deles.

O livro, de 258 páginas, lançado durante o Congresso Brasileiro de Farmácia, realizado pelo CFF, no Palácio do Anhembi, em São Paulo, de primeiro a quatro de outubro de 2003, reúne os artigos escritos por Souza Santos e publicados, na revista “Pharmacia Brasileira” e em outros veículos de comunicação, bem como as entrevistas que concedeu ao jornalista Aloísio Brandão, editor da mesma revista, ao longo das três gestões como Presidente do Conselho Federal. A publicação traz ainda documentos e os discursos mais representativos de Souza Santos, além dos depoimentos, feitos neste período, como o que ele prestou à CPI dos Medicamentos, o qual ajudou o relator da mesma, Deputado Ney Lopes (PFL-RN), a mudar o teor do seu texto final.

**Propostas** - Prefaciado pelo Conselheiro Federal de Farmácia pelo Paraná e professor da Universidade Estadual de Maringá, Arnaldo Zubioli, o livro começa com um documento que o Presidente do CFF encaminhou, no dia primeiro de julho de 1998, ao então Ministro da Saúde, José Serra. Era início da primeira gestão de Jaldo de Souza Santos à frente do CFF. O documento parece ser um vaticínio do que veio acontecer na saúde, anos depois.

Depois de denunciar a falta de controle da qualidade de medicamentos e a fragilidade da estrutura do setor de vigilância sanitária, o documento propõe que todo e qualquer medicamento comercializado, no Brasil, traga “um selo

inviolável de qualidade, emitido por laboratórios padrão”. Esses laboratórios seriam criados, nos Estados ou regiões, e envolveriam as Secretarias de Vigilância Sanitária, as faculdades públicas de Farmácia e a própria indústria. Com argumentações sociais, propõe, ainda, a adoção de uma política de medicamentos genéricos e pede que o MS inclua em sua pauta de prioridades a atenção farmacêutica. Outro ponto alto do documento é o que reitera a função do estabelecimento farmacêutico como um centro de saúde.

**Artigos** - Em quase 30 artigos, o Presidente do CFF aborda questões históricas da profissão (a instalação das indústrias farmacêuticas, no Brasil, e o instante seguinte, em que o farmacêutico é praticamente retirado da farmácia, até os primeiros sopros da filosofia clínica e da atenção farmacêutica, no País), sobre a política de genéricos, da revolução farmacêutica que vem grassando a profissão, a qualidade como meta profissional; sobre a integração do CFF às grandes entidades de saúde internacionais, a desassistência farmacêutica (falta de acesso de cerca de 40% da população aos medicamentos), entre tantos outros temas.

Os discursos são outro tópico relevante do livro. Eles traçam uma radiografia do que aconteceu, está acontecendo e as perspectivas da profissão farmacêutica. Boa parte dos pronunciamentos é dirigida a acadêmicos de Farmácia (Souza Santos é um campeão em apadrinhar e paranimfar turmas de formandos em Farmácia). Neles, conclama os futuros colegas a construir uma carreira pautada na ética: “Guiem-se, sempre, pela bússola da ética e jamais permitam que interesses econômicos venham sobrepujar os interesses sociais e sanitários da Farmácia”.

Quanto às entrevistas, sustenta a prioridade que deu à busca da qualificação profissional, à promoção de mudanças no ensino de Farmácia, como também ao fortalecimento da atenção farmacêutica, “o cordão umbilical que liga o profissional à profissão”. Alerta ainda para a necessidade de o farmacêutico ser um profissional em sincronia com o seu tempo e conectado às realidades social, econômica e sanitária do País para ajudar na transformação dessa realidade. O material que compõe o livro foi organizado pelo professor José Aleixo Prates.

Os interessados na aquisição de “Farmácia Brasileira: Utopia e Realidade” devem encontrar em contato com o Gabinete da Presidência do CFF, pelo telefone (61)2106-6535 ou pelo e-mail <[gabinete@cff.org.br](mailto:gabinete@cff.org.br)>. O livro é gratuito. O interessado pagará apenas o porte pelos Correios.



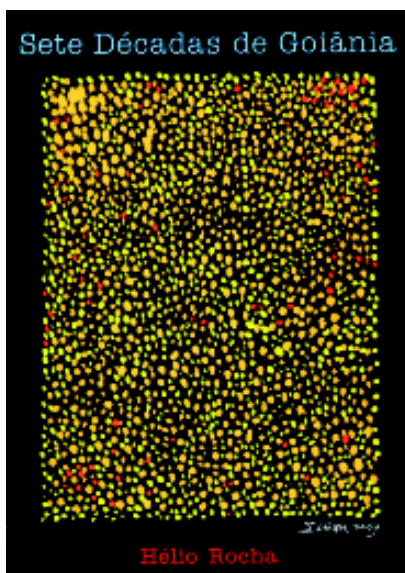


# Goiânia escrita

Hélio Rocha, jornalista e escritor, conta a história de Goiânia e dedica um capítulo ao crescimento do setor farmacêutico, na cidade

O jornalista e escritor goiano Hélio Rocha lança “Sete Décadas de Goiânia”, livro que traz a história da capital do Estado de Goiás contada, década a década, através de artigos, crônicas e fotos. Entre as passagens mais marcantes da cidade, Hélio cita a Farmácia, a que dedica um capítulo inteiro sob o título de “Os avanços na farmácia”. A capa de “Sete Décadas” é enriquecida pela belíssima ilustração do artista plástico Siron Franco.

O assunto Farmácia divide o livro de Hélio Rocha com outros assuntos que pontuaram a história da jovem capital goiana, como “As greves e o suor da construção”, “A depressão de 1945”, “A tensa e trepidante década de 60”. Mais à frente (anos 80), o autor lembra a tragédia provocada pelo aci-



dente radioativo, entre tantos outros momentos, bons ou ruins, mas sempre significativos, para os goianienses.

No capítulo intitulado “Os avanços na farmácia”, Hélio Rocha conta que, à época da construção da cidade, quando sequer estavam levantadas as primeiras edificações na espécie de acampamento pioneiro, “surgiria um posto de vendas de medicamentos que poderia ser considerado a primeira farmácia de Goiânia”. Pertencia a Pardal

dos Reis Gonçalves. Já na década de 50, Goiânia contava com 20 estabelecimentos farmacêuticos, o que, segundo ele, aponta para o rápido crescimento do setor. Em julho de 1961, nascia o Conselho Regional de Farmácia de Goiás.

Em seguida, Hélio Rocha fala do surgimento da liderança do farmacêutico Jaldo de Souza Santos que, em 1955, veio a ser o proprietário da Farmácia do Povo. Jaldo foi um dos idealizadores e fundadores do CRF-GO, como também seu Tesoureiro e, depois, Presidente. “O seu espírito de liderança o levaria à Presidência do Conselho Federal de Farmácia”, diz o autor. Daí para frente, Rocha fala sobre o crescimento da profissão, no País, principalmente pelo fortalecimento da atenção farmacêutica, e cita várias ações do CFF.

O livro é um projeto cultural da Contato Comunicação. Maiores informações sobre “Sete Décadas de Goiânia”, inclusive como adquiri-lo, podem ser obtidas junto à Contato, através dos telefones (62)224-3737 e 229-0871.

## Da Pharmacia à Farmácia

A Escola de Farmácia de Belém, a quarta autônoma do Brasil, completa 100 anos. A sua história está contada em livro do farmacêutico Renato Ferreira da Silva

O farmacêutico-bioquímico Renato Ferreira da Silva mergulhou fundo em suas pesquisas para extrair delas uma pérola: a história da Escola de Farmácia de Belém do Pará. Em seguida, contou toda ela no livro “Da Pharmacia à Farmácia: Universidade Federal do Pará - 100 anos de História”. O livro é uma dessas obras de cabeceira, tanto para a farmacêuticos, quanto para acadêmicos de Farmácia que queiram compreender o passado de sua profissão e vislumbrar um tanto do seu futuro.

Formado em Farmácia pela UFPA, em 1982, e com pós-graduação em Farmácia Hospitalar, Renato Ferreira é, hoje, o coordenador da Farmácia do Hospital Universitário Bettina Ferro de Souza e perito

criminal do Centro de Perícias Científicas Renato Chaves. Ele justifica que tomou a iniciativa de escrever o livro por não haver referência alguma sobre a história da Escola de Farmácia de Belém, a qual teria sido, segundo o autor, o quarto curso autônomo de Farmácia do País.

Aliás, essa afirmação de Renato é, de acordo com ele próprio, uma “reparação à injustiça” de que é vítima o curso belenense, já que publicações dão conta de que São Paulo teria abrigado a quarta escola independente de Farmácia do Brasil. Ao tentar dirimir a dúvida, o farmacêutico paraense alerta: “A história da Farmácia brasileira precisa ser escrita, o mais urgentemente possível, pois tudo quanto existe sobre o assunto, divulgado em jornais e em revistas, é acidental, regional ou episódico”.

Renato Ferreira foi buscar as raízes da Farmácia brasileira, no Egito, na Grécia, em Roma, no Islã, na China, na Índia. Afora isso, vasculha a própria história da Me-

dicina, investiga o que aconteceu no Renascimento e chega ao Pará, primeiro contando a evolução da Medicina, no Estado. O livro destina capítulos à compreensão histórica do profissional farmacêutico, passa pelo novo ciclo da Farmácia, mas dedica a maior parte do seu espaço, é óbvio, à história farmacêutica paraense. E, ao falar sobre esta, obrigatoriamente, terá que estar falando sobre a Escola de Farmácia de Belém. O prefácio da publicação é do Presidente do Conselho Federal de Farmácia, Jaldo de Souza Santos.



Contato com o autor podem ser feitos pelos e-mails <[www.farmabettina@bol.com.br](mailto:www.farmabettina@bol.com.br)> e <[farmabettina@hotmail.com](mailto:farmabettina@hotmail.com)>. O livro custa R\$ 15,00 e está sendo vendido, no CRF-PA. Os telefones do órgão são (091)266-5662/266-5114, fax: (091)246-8564. O e-mail é <[crfpara@interconnect.com.br](mailto:crfpara@interconnect.com.br)>